

folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Lives da fé: as fronteiras entre a igreja e a comunicação virtual em tempo de isolamento social

ARTIGO

Deyse Luciano de Jesus Santos

Doutora e Mestra em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduada em História pela Universidade Católica de Salvador. Professora do Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU).

deyse10luciano@gmail.com

Ludmila Carneiro Albuquerque

Graduada em Pedagogia no Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU).

albuquerque.ludmilaa@gmail.com

Resumo

Religião e sociedade vêm sendo uma discussão cada vez mais latente nas instituições de educação, sobretudo, por ser a religião parte do sistema cultural que caracteriza os sujeitos e demarca aspectos significativamente particulares de suas identidades, que por vezes conflitam nas interações sociais devido ao comportamento ascético predominante em muitas doutrinas evangélicas. Diante as relações estabelecidas entre os fiéis, que a Palavra determina suas ações no mundo, e a necessidade de manutenção de isolamento social, altamente questionado por algumas congregações religiosas e considerando que o contato destes fiéis com os meios de comunicação de massa, sempre foi conflituoso, o objetivo do trabalho em questão foi analisar a partir das redes sociais, como vem se posicionando os fiéis, com vistas a participação dos cultos no ambiente virtual e a interação com as questões de fé, considerando ser este um espaço de visibilidade mundana. Metodologicamente se trata de uma pesquisa social qualitativa que teve como campo de pesquisa as redes sociais. A pesquisa apontou que apesar do grande percentual de brasileiros que se afirmam fiéis evangélicos, a oferta de cultos e interação nas redes ainda é muito pequena, o que ainda demonstra certa resistência das lideranças, ainda que, para os fiéis essa seja uma possibilidade.

Palavras-chave: Fé. Isolamento Social. Redes Sociais.

Lives of faith: the boundaries between the church and virtual communication in times of social isolation

Abstract

Religion and society have been an increasingly latent discussion in educational institutions, especially since religion is part of the cultural system that characterizes subjects and demarcates significantly particular aspects of their identities, which sometimes conflict in social interactions due to ascetic behavior prevalent in many evangelical doctrines. In view of the relationships established between the faithful, that the Word determines their actions in the world, and the need to maintain social isolation, highly questioned by some religious congregations and considering that the contact of these faithful with the mass media, has always been in conflict, the objective of the work in question was to analyze from the social networks, how the faithful have been positioning, with a view to the participation of cults in the virtual environment and the interaction with matters of faith, considering this to be a worldly visibility space. Methodologically, it is a qualitative social research that had social networks as its research field. The survey pointed out that despite the large percentage of Brazilians who claim to be evangelical believers, the offer of services and interaction on the networks is still very small, which still demonstrates some resistance from the leaders, although for the faithful this is a possibility.

Keywords: Faith. Social Isolation. Social networks.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição- NãoComercial-Compartilhaqual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

1 Introdução

A vida em sociedade parte de uma rede de interações que só são possíveis por ser fruto da evolução humana ao longo da história. Do homem das cavernas, aos 'modelos' ético e estético presentes nessa complexa vida humana, temos uma trajetória de vida baseada em deslocamentos e adaptações do *homo sapiens* às condições naturais que o espaço geográfico impôs como desafios a capacidade humana de inteligibilidade dando margem a revolução cognitiva¹. Ser e estar no mundo parte, sobretudo, de como fazer para sobreviver às adversidades e de como lidar com as dificuldades insurgentes das variadas e complexas ações que, o homem, na condição de animal racional, estabelece com o meio em que onde está inserido. Nesse sentido, as possibilidades de convivência com meio ambiente, parte de como o homem avançou, ao longo do tempo, do ponto de vista tecnológico de acordo às suas necessidades.

Para além da produção e uso da tecnologia voltada à necessidade humana, desde a produção dos primeiros instrumentos de caça a partir da pedra lascada até os aparatos da tecnologia de ponta da atualidade, que promete uma vida de maior conforto e longevidade, o homem, dialoga com o plano metafísico. Em contato com o ambiente natural, nas experiências cotidianas o amanhecer, o anoitecer, o sol, a lua, a chuva, o vento, a água, dão o ponto de partida para a construção dos mitos a fim de buscar respostas às suas inquietações. Nesse contexto, as relações que o ser humano estabelece em seus espaços de convivência se dá, sobretudo, a partir de suas crenças.

O olhar mítico para o mundo, fez com o homem na relação com o divino desse surgimento às religiões que estruturam os seus mais variados campos simbólicos de acordo com as relações socioculturais de cada povo e território de onde emanam. Assim, a partir de Geertz (1989) ao afirmar que a religião faz parte do sistema cultural produzido pelos sujeitos em seus contextos sociais, diante do isolamento social em decorrência da pandemia da Covid-19, tomando como base a religiosidade presente no Brasil, nos questionamos: como vem se posicionando os fiéis em relação à participação nos cultos no ambiente virtual? Além disso, como se dão as questões de fé, considerando ser este um espaço de visibilidade mundana?

A velocidade das informações, e, por que não dizer, das propagações da fé no mundo, encontraram no avanço tecnológico uma perspectiva de expansão e discussão. Corroboramos com Lévi (2011), que é preciso contemplar as implicações culturais que a cibercultura determina em todos os contextos em que se faz presente. Diante as relações estabelecidas entre os fiéis, que a Palavra determina suas ações no mundo, baseada em suas doutrinas, o contato destes fiéis com os meios de comunicação de massa, sempre foi conflituoso. A resistência no trato com as novas tecnologias no seu dia a dia, se baseia nesse conflito - ético e estético do homem fiel em relação ao não fiel -, que por vezes, faz com que alguns optem por não estarem conectados nas redes sociais. Sendo assim, ainda que compreendamos uma complexidade na realidade apontada, devido à forma como no mundo globalizado em que estamos inseridos, as redes de comunicação presentes nos mais variados contextos sociais, nos impõem a necessidade de romper as barreiras da resistência às tecnologias digitais, sobretudo, nesse momento de pandemia que nos obriga ao isolamento social.

Na busca de responder nosso questionamento, esse artigo tem como objetivo analisar, a partir das redes sociais, como vem se posicionando os fiéis, com vistas à participação nos cultos no ambiente virtual e a interação com as questões de fé, considerando ser este um ambiente de visibilidade mundana.

2 Procedimentos Metodológicos

A base metodológica do trabalho parte de uma pesquisa social qualitativa que de acordo com Minayo (2012), se ocupa com aspectos da realidade que não pode e não deve ser quantificada, por isso, implica no trabalho com as subjetividades humanas: suas crenças, aspirações, valores e atitudes vivenciados em seu cotidiano. Sendo assim, como procedimento e técnica de coleta os dados, foi realizado um levantamento dos aspectos legais no que compete as necessidades sociais e dispositivos políticos de orientação no momento de quarentena, acerca das possibilidades de manutenção dos cultos nas igrejas.

¹ De acordo com Harari (2018, p. 39) "o surgimento de novas formas de pensar e se comunicar, entre 70 mil anos atrás a 30 mil anos atrás, constitui a Revolução Cognitiva".

Buscamos caracterizar o perfil dos evangélicos no Brasil, tomando como base a doutrina que influencia na relação do evangélico com a sociedade, e, o conflito existente no diálogo dos fiéis nas redes sociais; identificar, do ponto de vista legal, os aspectos que vem contribuindo para a discussão da fé no momento de pandemia e levantar nas redes sociais, cultos e comunicações desenvolvidas pelos fiéis em aplicativos de redes sociais tais como *YouTube*, *Facebook* e *Instagram*, utilizados como recursos de atuação dos mesmos, para disponibilizar cultos e/ou informações voltadas a manutenção da fé. Como forma de conhecer o posicionamento dos fiéis que atuam no *Instagram*, foi lançado uma enquete para os evangélicos sobre a importância da atuação das denominações nesses espaços. O critério utilizado para o levantamento dos dados foi analisar postagens e/ou comunicações a partir de março de 2020 – início do isolamento social – até o dia 24 de maio de 2020.

3 A revolução cognitiva e o surgimento das religiões

“O temor do senhor é o princípio do conhecimento”
(Provérbios 1;7)

Retomemos aqui como ponto de partida o *homo sapiens*² e seu surgimento há aproximadamente 150 mil anos atrás, no continente africano, mais precisamente na África Oriental como apontam as pesquisas. De acordo com Harari (2018), a diferença do *homo sapiens* para os demais tipos *homo*³, foi determinada por conta de sua capacidade cognitiva de inferir sobre coisas e acontecimentos inexistentes. A superioridade cognitiva do gênero *sapiens* em detrimento dos demais, o possibilitou mergulhar no seu imaginário em busca de explicações e construções metafísicas de questões de sua realidade.

Lendas, mitos, deuses e religiões apareceram pela primeira vez com a Revolução Cognitiva. Antes disso, muitas espécies animais e humanas foram capazes de dizer: “cuidado! Um leão!”. Graças a Revolução Cognitiva, o *homo sapiens* adquiriu a capacidade de dizer: “O Leão é o espírito guardião da nossa tribo”. Essa capacidade de falar sobre ficções é a característica mais singular da linguagem dos *sapiens* (HARARI, 2018, p. 43).

Ainda segundo Harari (2018), essa capacidade comum dos *sapiens*, não somente trouxe afago às questões por eles não explicadas do ponto de vista pragmático, mas possibilitou também a crença dessas explicações a partir de um imaginário coletivo. Tal característica foi fundamental para se estabelecer os agrupamentos e organizações sociais a partir da cooperação entre os *sapiens*, quando organizados em grupos. Mas, a Revolução Cognitiva não somente contribuiu para as organizações sociais, formando os contextos das tribos, contribuiu também para a diversidade étnica e cultural destes.

Para tanto, explicar a condição humana nas relações com o divino é a proposta aqui apresentada, ao trazer a religião como um dos aspectos de organização social. Uma vez interpretada como fazendo parte da base cultural de um povo, a religião se constrói e se faz presente nas vivências e experiências dos indivíduos pertencentes à comunidade em questão, pois,

É razoável pensar que a variedade étnica e cultural entre os antigos caçadores coletores fosse igualmente impressionante e que os 5-8 milhões de caçadores coletores que povoavam o mundo à véspera da Revolução Agrícola se dividissem em milhares de tribos com milhares de idiomas e culturas diferentes. Esse, afinal, foi um dos principais legados da Revolução Cognitiva. Graças ao surgimento da ficção, até mesmo pessoas com a mesma composição genética e vivendo em condições ecológicas similares foram capazes de criar realidades imaginadas diferentes, que se manifestavam em diferentes normas e valores (HARARI, 2018, p. 70-71).

Não queremos aqui afirmar que as crenças e discussões que surgem com as experiências do homem primitivo e que deram origem ao campo do sagrado devam ser desconsideradas ao tratarmos do termo ficção, mas de como essa construção de um mundo simbólico surge e, para além disso, como ele aos poucos determina as semelhanças e diferenças culturais entre os grupos. Além disso, não nos compete trazer aqui como esse ponto de partida se traduz na variedade de religiões espalhadas pelo mundo, uma vez que o contexto aqui abordado serão as igrejas protestantes cristãs no universo religioso brasileiro. Por conta disso, é preciso ressaltar que:

[...] independentemente do fato de que nem toda religião, mundana ou não, tem um “além” como morada de determinadas promessas. No começo, os valores sagrados das religiões primitivas, assim como das religiões civilizadas, proféticas ou não, foram bens desse mundo bastante positivos. Com exceção parcial do

² É preciso considerar que outros gêneros humanos surgiram ao longo da história, no entanto, nos propomos aqui uma breve apresentação do *homo sapiens* por ser esse gênero o que consegue transmitir informações do ponto de vista fictício.

³ Com base em Harari, consideramos aqui que a palavra humana representa é “animal pertencente ao gênero *homo*”, e antes havia várias outras espécies desse gênero além do *homo sapiens*, como exemplos: *homo rudolfensis*, *homo erectus* e *homo neanderthalensis*.

cristianismo e de outros credos particularmente ascéticos esses valores foram saúde, vida longa e riquezas (WEBER, 2010, p. 20-21).

É nessa característica de uma vida virtuosa, em que é preciso preservar a imagem de bom cristão a fim de alcançar a salvação que o ascetismo está presente na vida do evangélico. Essa condição do 'homem voltado à santidade' é determinada nos espaços de forma incipiente, através de seu *corpus* doutrinário, onde adotar determinado comportamento seguindo os direcionamentos presentes na Palavra assegura ao fiel o sentimento de pertencimento e acima de tudo o reconhecimento do grupo da sua provação e fé em contato com o mundo, afinal, "Tudo me é permitido", mas nem tudo convém. "Tudo me é permitido", mas eu não deixarei que nada domine" (BÍBLIA, 2018, p. 1888)⁴. Assim, a Palavra traz no livro do Antigo Testamento em Levítico (BÍBLIA, 2018) como deve ser o comportamento adotado pelos cristãos.

De acordo com Weber (2010, p. 29), "A profecia exemplar marca o caminho de salvação por via de uma vida exemplar, em geral contemplativa e apático-extática. O profeta emissário, pelo contrário, dirige suas exigências ao mundo em nome de um deus. Obviamente trata-se de exigências éticas que têm, com frequência, um caráter ascético ativo". O que Weber aponta como ascetismo ativo, poderíamos chamar de doutrina quando mergulhamos nos estilos de vida, ético e estético, dos evangélicos. Uma ação ordenada por Deus que tem como base para a construção de um modelo de homem fiel a Palavra, mas que, por suas variadas interpretações e necessidades, cria bases morais próprias que determinam a diversidade do campo evangélico que se traduz em uma imensa variedade de denominações: das Tradicionais às Reformadas, Pentecostais ou Neopentecostais, em seus mais variados contextos e aspectos.

3.1 Entre a doutrina, o pecado e o medo

"Guardai os meus estatutos e cumpri-os. Eu sou o Senhor que vos santifico".
(Levíticos 20:8)

Baseado no pecado e no medo, a relação ascética entre os homens e sua crença cristã sempre fez parte da vida do fiel. Mesmo os grupos católicos, enfrentaram a fúria de Deus, que explicava as pragas e conflitos sociais como demonstração da pouca fé e ou desobediência dos homens.

Exprimindo a o sentimento de toda igreja docente, Lefevre d'Étaples comentava assim a Epístola aos Gálatas (5,16-24), por ocasião do 14 domingo depois de Pentecostes: "A vida de um cristão neste mundo, quando é bem considerada: não passa de uma guerra contínua [...]. Mas o maior adversário que ele tem é ele mesmo. Não há mais nada difícil de vencer do que tua carne, tua vontade: já que por sua própria natureza ele está propenso a todos os males" (BEDOUELLE; GIACONE, 1976 *apud* DELUMEAU, 2003, p. 9).

Esse medo do pecado, tão presente no imaginário do cristão, que atribui a ele mesmo, está fundamentado no título de abertura dessa discussão, quando o Senhor afirma ser o caminho da santificação do homem o cumprimento de suas regras sociais. Assim, é preciso separar o 'joio do trigo', para que, como aponta Douglas (2014), não haja contaminação, uma vez que a pureza é o objetivo do cristão na busca pela santificação. Mas, como garantir uma vida santa num mundo globalizado? Como não se contaminar com a ética e estética do mundo diante necessidade de uma comunicação em rede? Na atualidade é possível educar um jovem fazendo assepsia e demarcando suas diferenças?

Tomemos como exemplo uma pregação postada no *YouTube* pelo Pastor Febronio Rodrigues Neto quando afirma que a vida cristã é constituída de três fases (a justificação, a santificação e o batismo) e, que será a chegada do fiel no caminho percorrido na fé que vai determinar a santidade. Para tanto, "[...] somente exagerando a diferença dentro e fora, se inicia fases que o fiel deve cumprir para ter uma vida cristã" (RODRIGUES NETO, 2016, não paginado). Para isso, o pastor compara o caminho a entrada no templo, onde primeiro temos o pátio exterior, o ponto inicial de sua jornada, onde ele ainda transita com as realidades do mundo secular. O átrio que já representa uma vida santificada voltada para Deus, pois ele é melhor que o pátio, mas de vez em quando tem seus altos e baixos. O que vive lá fora vive em um vale, o outro vive uma vida de altos e baixos, nem todos os dias lhe são agradáveis, mas, todos irão aos céus. Por fim, o santíssimo, nesse lugar quem consegue entrar está livre do barulho, do fuxico, das contendas. Estará ele presente na Glória do Senhor! Trata-se do batismo no Espírito

⁴ Coríntios 6:12.

Santo. Deus entra em você se transformando em um só, por isso, afirma o referido pastor, “Há muita diferença entre o Cristão que está no Pátio com o que está no átrio” (RODRIGUES NETO, 2016, não paginado).

O que chama atenção na fala do pastor supracitado é que ele aborda a diferença entre o cristão que vive a fase intelectual do cristianismo, que motiva, mas, não estabiliza. Há muita gente agarrada no conhecimento intelectual, mas sem estabilidade espiritual, pois o conhecimento em si não resolve todos os problemas. E nesse momento ele questiona o cristão que conhece a Palavra, tem o conhecimento, ainda em sua pregação questiona: “Porque não se livra da praga, do Whatsapp? Ali tem de tudo [...] 65% é voltado para pornografia. Vocês como cristãos sabem. Mas, o saber te livrou disso? Te livrou dos joguinhos? Da pornografia?” (RODRIGUES NETO, 2016, não paginado).

Na condição de um fiel seguidor que ainda não alcançou a santidade, mas está no caminho, é preciso sair da fase intelectual e ir para a outra fase: a da santidade. Nesse sentido, o pastor Rodrigues Neto (2016, não paginado) afirma: “Se você não chegou, mas está no caminho siga adiante, porque o caminho vai te levar a santidade”. Sendo assim, a respeito do trânsito dos fiéis em espaços considerados mundanos, Tillich (2015) questiona se as relações do homem com o mundo moderno, e aqui ampliando o questionamento para o mundo pós-moderno, não levaria ao fim do dogma? Para ele: “Os que se destinam ao ministério da igreja tem de passar por determinados tipos de exame não tanto de conhecimento, mas de fé” (TILLICH, 2015, p. 22) E, é nesse contexto que provocamos o leitor a compreensão da identidade religiosa do cristão, onde a relação entre o sagrado e o profano, se estabelece entre a Fé e a dúvida.

Fé ou dúvida? Somente uma pode habitar em cada pessoa. A fé vem pelo ouvir, ouvir a Palavra, mas, também a dúvida vem por aí: deixar de ouvir a Palavra. De acordo com o pastor Febrônio Rodrigues Neto (2016), a nossa mente é um espaço de disputa entre a Fé e a Dúvida. Nessa direção, Tillich (2015, p. 23) afirma que “[...] o elemento da dúvida é um elemento da própria fé. Compete a igreja aceitar as diferenças entre o corpo de fiéis, e as relações que eles estabelecem entre a Palavra e a prática cotidiana”.

Como já dito anteriormente, pelo pastor Febrônio Rodrigues Neto (2016), os irmãos estão no mesmo caminho, mas nem todos alcançaram o mesmo local. E essa diferença de percurso presente nas igrejas, e suas mais variadas denominações partem de uma visão dogmática do mundo. De acordo com Tillich (2015, p. 20) “[...] o conceito de dogma situa-se na fronteira entre a igreja e o mundo secular. [...] Os dogmas são como capas vermelhas que os toureiros usam para provocar os touros na arena; provocam raiva ou agressividade e, às vezes, até mesmo luta”. Por isso, o referido pastor chama atenção que: “A verdadeira fé é a âncora que estabiliza o barco em meio do mar revolto!” (RODRIGUES NETO, 2016, não paginado).

4 A necessidade do culto online para a manutenção da fé evangélica em momentos de isolamento social

“Os tímidos não herdarão o reino dos céus!”
(Apocalipse 21:8)

A vida religiosa em uma sociedade secular é de alta complexidade. A dualidade entre o corpo e o espírito, o alimento da carne e da alma, o conhecimento que opõe a dúvida e a fé, a razão e a religião, muitas vezes, se contrapõem de forma diametralmente oposta. Na fronteira entre o mundo e a doutrina religiosa, entre o que se acredita ser o certo e o errado, mora a contradição e o conflito do fiel com o mundo. Então, como viver no mundo sendo um fiel em Cristo? Como estudar, trabalhar e se comunicar se na prática cotidiana o joio tem que se misturar com o trigo?

Num mundo onde as tecnologias digitais nos proporcionam experienciar as novidades do mundo sem precisar de muitos esforços, a mídia, a televisão, os computadores, os smartphones, as redes sociais e os canais de acesso à novas perspectivas de interação social, podem ser considerados um inimigo à vida cristã se mal utilizado pelo fiel. Por conta disso, durante muito tempo, muitas denominações evangélicas eram contra o fiel assistir televisão. Muitas casas, sequer mantinham um aparelho de televisão, assim como, o conhecimento intelectual não era incentivado pelos pastores, pois é ‘preciso alisar os bancos da igreja e não os bancos da ciência’.

Há aproximadamente trinta anos, ainda seria possível encontrar lares cristãos sem acesso à televisão, não por conta de uma questão econômica, mas, doutrinária. Em diálogo com um discente evangélico, uma das pesquisadoras ao questionar sobre

o conflito entre a mídia e as orientações de algumas igrejas evangélicas, o mesmo afirma que na sua infância ele fugia de casa para assistir televisão na casa dos vizinhos que por sua vez, viviam em pecado, pois os mesmos também eram evangélicos e frequentavam a mesma igreja que ele e a sua família. Ao nos depararmos com essa informação compreendemos na prática o que Delumeau (2003) aponta como relação de pecado e medo está presente na vida do homem, onde o maior adversário que o cristão tem é ele mesmo, pois apesar de sua relação de fé se estabelecer a partir de normas direcionadas através da Palavra, conter o corpo, nesse caso a carne no sentido de atendimento ao espírito é muitas vezes conflituoso. Seria expor o corpo à dúvida e a fé, o que como bem afirmou no tópico anterior o pastor Rodrigues Neto (2016), mesmo sabendo o certo e o errado a necessidade da carne pode se sobrepor ao do espírito.

O problema é que na contemporaneidade, as sociedades globalizadas têm levado a humanidade a pensar numa perspectiva do politicamente correto. No caso das identidades religiosas ascéticas, o conhecimento gera a dúvida na contradição das relações sociais entre grupos plurais. Pois, a possibilidade de reconhecimento e afirmação da pluralidade social, em países democráticos como o Brasil que traz no bojo da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) o direito ao reconhecimento da diversidade.

[...] se a sociedade ultramoderna está cada vez mais organizada como um conjunto de não-lugares (o metrô, os aeroportos, os grandes centros comerciais, que atualmente encontramos em muitas partes do mundo, assim como, também a repetitividade dos anúncios de publicidade), o primeiro critério a adotar é começar a pensar como o Outro está atualmente perto de nós e não mais longe de nós porque na sociedade contemporânea multiplicam-se as zonas francas nas quais as diferentes culturas se encostam-se, tocam-se e às vezes entram em conflito (PACE, 1997, p. 27).

Seguindo a perspectiva adotada pelo autor, do conceito de globalização⁵ por zona franca, compreendemos os espaços sociais plurais, no caso mais específico de nossa discussão é preciso analisar como os lugares de atuação dos fiéis vem produzindo fronteiras simbólicas cada vez mais 'frágeis'. Lugares simbólicos, onde uma vez em contato com tantos outros lugares, passam a serem questionados, comparados, testados em suas composições dogmáticas pela facilidade que as redes sociais encontram na comunicação social.

Uma realidade globalizada e/ou globalizante que atua num processo de "[...] desculturalização, de perda do sentido de identidade cultural ou de queda do nível de identificação simbólica, que permite a uma pessoa, desde o ponto de vista cognitivo, sentir-se ela mesma e diferenciar-se do outro" (PACE, 1997, p. 27). O que o autor também convencionou chamar de desenraizamento e que para a igreja trata de um terreno complexo e difícil de transitar, pois o mundo secular segue numa direção contrária ao mundo do fiel, e, uma vez sendo a ele permitido o livre trânsito, e nos referimos aqui ao campo do conhecimento intelectual, à atuação e participação em ambientes midiáticos e/ou redes de interação social aberta a diversas comunidades, se torna uma área de acesso perigoso, visto que "O desenraizamento do qual falamos, há pouco, ataca justamente as imagens estáveis do mundo, os silos de memória coletiva, os filtros que permitem um indivíduo sentir-se a vontade na sua própria casa. E induz a formas de crença no relativo" (MICHEL, 1994 *apud* PACE, 1997, p. 29). É nesse aspecto que surge o questionamento: relativizar o olhar de uma comunidade religiosa perante as demais, mesmo que vá de encontro a suas concepções dogmáticas, não seria iniciar um processo de desenraizamento? Estariam os fiéis rompendo com seus laços particulares de crença no momento de transição e atuação nas redes sociais, comprometendo assim sua identidade cultural? A resposta perpassa pelas noções e interpretações do divino a partir do fiel. Como apontou Delumeau (2003) ao discutir o pecado e o medo, o maior problema do homem é ele mesmo, e se tratando do fiel, essa é uma responsabilidade do sujeito com suas práticas cotidianas que o guiarão ao caminho da santidade. Para tanto, era necessária uma vida ascética de pleno acordo e comunhão com os dogmas e doutrinas de sua comunidade religiosa.

⁵Ainda que o conceito de globalização possa, dentre tantas possibilidades de interpretação, se traduzir em matrizes conceituais subjetivo-objetiva ou dominação-libertação, a segunda perspectiva é apontada pelo autor como: um processo de decomposição e recomposição da identidade individual e coletiva que fragiliza os limites simbólicos dos sistemas de crença e pertencimento (PACE, 1997, p. 32).

4.1 A presença da Igreja nas Redes Sociais?!

“Que nenhuma palavra imprópria proceda de vossa boca, mas aquilo que é bom para promover a edificação, para que ministrem graças aos que a ouvem”.
(Efésios 4-29)

Há 3 anos, uma das autoras deste artigo, ao conversar com um de seus líderes espirituais sobre a necessidade de transmitir o culto online, ouviu que: ‘Se fizermos um culto online, acabaremos perdendo público dentro das igrejas’. Imediatamente a interlocutora retoma o questionamento: ‘E as pessoas que não podem vir à igreja? Seria a igreja nós?’. O diálogo ali se concluiu sem maiores avanços e prosseguiu-se sem culto online. Logicamente, mais distante do mundo e dos avanços tecnológicos que não passavam às portas daquela denominação evangélica, apenas recebendo o maná diário aquele que se deslocasse ao templo. Mesmo que o sermão do domingo pela noite fosse de Atos 7:48 que diz: “Todavia, o Altíssimo não habita em casas feitas por mãos humanas [...]” (BÍBLIA, 2018, p. 1793). A resistência do pastor lhe causou um certo incômodo, pois, além de estar pensando nas pessoas de mobilidade reduzida, idosos e outros tantos com dificuldades de acesso a igreja por problemas no bairro ou doenças, sejam elas físicas, emocionais ou psicológicas, a pesquisadora pensava nos jovens e em uma maneira de atraí-los para os cultos utilizando as redes sociais como possibilidade de inclusão desses fiéis.

Apontar a importância dos cultos na vida dos jovens evangélicos, não se trata de uma preocupação com a comunidade local, ou seja, fiéis evangélicos do bairro de Portão, no município de Lauro de Freitas, Bahia, onde uma das pesquisadoras participa na condição de fiel. Na condição de jovem fiel, a pesquisadora em questão, pensava naquele jovem que morava distante e que queria muito ir aos cultos, mas por várias questões estava impossibilitado. Ou ainda, nos relatos de alguém que pensava em morte e achou um culto online na *YouTube* ou uma live no *Instagram* – daquele pastor que não tinha oportunidade para pregar na igreja local – assim como, do fiel que em situação de depressão poderia encontrar nos cultos possibilidade de repensar a sua vida e que, uma vez sem acesso ao templo por conta do isolamento social se viu a ponto de desistir da própria vida.

Quando nos debruçamos na leitura da Palavra, observamos em Mateus 6:6 Jesus diz: “[...] quando orares, entra no teu quarto e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente” (BÍBLIA, 2018, p. 1553). Mas, quando na igreja um fiel deixa de participar dos cultos, e, ainda permanece no caminho da santidade ele é visto e apontado como o desigrejado. Ou seja, aquele cristão que prefere fazer o seu culto em casa⁶, ainda que respaldos pela passagem do evangelho segundo Mateus 6:6, não poderia ser um possível seguidor do culto participando da liturgia de forma virtual? Será que no pensamento de preencher os bancos das igrejas, a resistência de alguns pastores, não tinha como estratégia a punição a este grupo?

Negociar esses conflitos merece cautela. É preciso pensar, avaliar e saber separar o que convém ou não ao cristão. Compreender que há limites que não devem ser ultrapassados, porque nem tudo que é visto ou dito lhes convém ou edifica. A dificuldade de estabelecer esses limites e neutralizar determinadas questões em sala de aula, fez com que muitas igrejas pentecostais durante algum tempo não incentivassem seus fiéis a avançarem nos estudos, alegando ser a Palavra o conhecimento mais importante, “não cabendo aos irmãos alisarem os bancos da ciência, mas os bancos da igreja” (SANTOS, 2012, p. 91).

Observa-se que há uma dificuldade em lidar com o conhecimento por conta de como as questões sociais podem chegar aos olhos e ouvidos dos fiéis, e é nesse conflito de ‘padrão social idealizado’ que reside a resistência aos contatos a partir das redes sociais. Separar o que convém para não misturar o joio com o trigo, requer sabedoria para a manutenção da obra da igreja e isso inclui o cuidado em como lidar com as novas tecnologias, afastando assim dos dirigentes essa possibilidade de culto. Em muitas denominações, o que se observa é que o olhar da comunidade para a possibilidade de propagação do culto nessas redes, deve partir de uma análise voltada à compreensão acerca da posição do pastor se deve ser a favor ou contra a gravação dos cultos. A preocupação de muitos fiéis se concentra nos conflitos entre uma vida de santidade e a exposição nas redes sociais, e não do atendimento espiritual àqueles que por algum motivo não puderam se fazer presente.

Quem está certo e/ou errado nesse contexto? Não sabemos. Mas, sabemos que durante muito tempo essa relação igreja/política/sociedade e conseqüentemente as mídias que envolvem todo esse debate sempre foi questionado, e, ainda que venha

⁶ É preciso compreender que o conceito de desigrejado se distancia do afastado. Segundo Augustus Nicodemus Lopes (2010), os desigrejados são aqueles que não frequentam ou pertencem a uma instituição evangélica, mas mantiveram a fé e decidiram cultivar em casa. Os afastados são aqueles que não frequentam e não possuem vínculo com a igreja como instituição, com seus irmãos e estão fora dos caminhos de Deus, chamado também de ímpio ou desviado.

mudando ao longo do tempo, muitos ainda defendem o rompimento entre Igreja e Estado, a fim de garantir a santidade. Essa separação, segundo Weber (2010), parte de uma compreensão de que toda religião que tem como base o amor de Deus, não pode por uma questão de conformidade ética e dogmática lançar mão de quaisquer formas de violência para com o irmão, quer seja do ponto de vista dos estrangeiros que por ela transite, quer seja dos 'inimigos' do Estado, somente a ele (o Estado) compete a função legitimada da violência para atendimento de seus problemas.

Hoje, vivemos a pandemia da Covid-19, surge a necessidade dos cultos online mesmo que algumas igrejas, por força da ação do Estado que decretou esses espaços como essenciais ao atendimento da sociedade, ainda estejam abertas com a quantidade de membros participantes reduzida e pastores sendo obrigados a enfrentarem o medo que é ver suas igrejas vazias. A possibilidade de produção de cultos e/ou lives ainda é um desafio, considerando a necessidade dos fiéis em contato coletivo com essa fé por conta da diversidade de opiniões dos fiéis em relação a influência negativa da tecnologia social nas igrejas.

Considerando os dados do último censo (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010), o Brasil ainda se constitui enquanto um país cristão católico. No entanto, há dez anos quando ocorreu o último censo, já havia uma referência ao crescimento do número de evangélicos em detrimento da diminuição dos católicos. Vejamos:

Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil. A proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores, embora tenha permanecido majoritária. Em paralelo, consolidou-se o crescimento da população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Dos que se declararam evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, evangélicos não determinados. A pesquisa indica também o aumento do total de espíritas, dos que se declararam sem religião, ainda que em ritmo inferior ao da década anterior, e do conjunto pertencente às outras religiosidades (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010, não paginado).

Atualmente, ante a realidade mundial de isolamento social, em função da pandemia da Covid-19, a coleta dos dados censitários não teve início, o que provavelmente provocará um atraso na análise e atualização dessas informações. Mas, os dados da pesquisa Data Folha, apesar de trazer uma amostra significativamente reduzida em relação ao que seria o censo, nos aponta que 50% dos entrevistados afirmam-se católicos e 31% evangélicos (G1, 2020). Os dados apontam que houve um crescimento percentual significativo de pessoas que se converteram ao evangelismo no último ano, assim como, há uma redução de pessoas que se afirmam católicas.

Considerando o momento atual de isolamento social, verificamos um grande percentual de religiosos que se distribuem nas mais variadas denominações evangélicas, ou seja, um grande número de fiéis que não podem ou não devem sair de suas casas no momento de isolamento social, quando sabemos que a igreja para esses fiéis é o espaço prioritário de fé, pois é no calor dos cultos que os corações se enchem da graça do Senhor.

O Decreto nº 10.282/2020, definiu atividades religiosas como serviços essenciais, considerando assim que igrejas se mantivessem abertas não seguindo recomendações do ministério de saúde (BRASIL, 2020). Após o decreto, autoridades governamentais com o apoio de líderes religiosos usaram as redes sociais para a divulgação de áudios, mensagens com orientações de posicionamento em relação aos evangélicos, e vídeos, convocando os fiéis para um 'ejum Nacional' no dia 5 de abril em prol do Brasil contra o surto do novo coronavírus. Com o argumento das igrejas de que somente a fé seria capaz de curar a 'praga', o Presidente da República, contrariando as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) afirmou serem as igrejas o 'último refúgio das pessoas' justificando a manutenção de sua abertura. Vale ressaltar que a Frente Parlamentar Evangélica também foi a favor de que as igrejas ficassem abertas para a realização dos cultos. Dentre as falas presentes: 'A fé ajuda a superar angústias e é fator de equilíbrio psicoemocional', afirma a bancada. Um discurso que suscita uma preocupação com a saúde psicológica dos brasileiros reportando à religião como possibilidade de acolhimento.

Considerando a realidade atual do campo religioso brasileiro, inclusive considerando os dados do Censo (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010) e da pesquisa Data Folha (G1, 2020), não houve retrocesso nesse

campo, ao contrário disso, temos um aumento crescente, sobretudo do cristianismo evangélico⁷. Então, o que se imaginou acerca da secularização da sociedade, ao menos em nosso contexto não ocorreu.

Marilena Chauí (2006), ao discutir como a religião atua na sociedade, nos convida à reflexão do fato de não termos como controlar nossa sobrevivência, a nossa vida leva ao medo do que não podemos explicar e a religião pode estabilizar os conflitos internos dos sujeitos. Na atualidade temos cada vez menos tempo, menos controle de nossa vida, expectativas e logicamente conflitos, medos e uma esperança de uma realidade melhor que será justificada pela fé.

Do ponto de vista da psicologia, a religião pode apresentar também uma diversidade de posicionamentos, desde os que condenam a religião atribuindo a fé à imaturidade do sujeito. Na atualidade acreditamos que a religião não está vinculada a nenhum tipo de psicopatologia, ser religioso não necessariamente estaria associado a ter problemas. A ampliação do conceito de religião ao longo dos séculos, traduz fé independente da crença, compreendendo que ela pode atuar de forma positiva na vida humana. Ela, a religião, faz parte da construção subjetiva das pessoas e, muitas vezes, dá sentido às suas vidas independentemente das questões sociais, econômicas e intelectuais a que estão submetidas.

Sendo as orientações oriundas do altar, os membros das igrejas por obediência à doutrina, deveriam seguir as recomendações dos seus pastores mantendo a frequência, ainda que com reduzido número de pessoas permitidas a cada culto. Mas, os casos de infectados pelo coronavírus foram aumentando e ainda assim, áudios divulgados nas redes mantiveram o discurso, o que tem levado algumas denominações a manterem suas portas abertas. No entanto, é preciso considerar que essa atitude não representa toda a comunidade evangélica. Observa-se que houve uma divisão de opiniões acerca de como atuarem diante o momento da pandemia. Observa-se nesse contexto que os pastores que possuem uma visão diferenciada da bancada política, se colocaram contra o Decreto nº 10.282 (BRASIL, 2020), fechando as portas de seus templos e aderindo aos cultos online, o que era uma resistência da membresia por conta da abertura ao contato com o mundo, buscando ampliar seu alcance por meio de plataformas e sites que já foram criados para atender essa necessidade.

Então o que anteriormente causava estranhamento, passou a fazer parte da realidade dos fiéis, pois a tecnologia abriu novas possibilidades de comunicação da fé. Segundo Castells (2009, p. 40) “[...] um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos”.

Mas, outros tantos líderes evangélicos, sobretudo, aqueles que comungam da posição do governo federal em relação ao isolamento social em tempos de pandemia, são contra as medidas de distanciamento social e mantêm os templos abertos. Vale ressaltar, que de forma virtual ou presencial, a discussão se faz presente na medida que, a justificativa dos grupos evangélicos é que a fé contribui para a saúde psicológica de seus fiéis se tornando assim, uma assistência social prioritária.

4.2 Quem são os evangélicos no espaço social brasileiro?

Como observado anteriormente, o aumento de cidadãos brasileiros que se afirmam evangélicos vem crescendo a cada ano e uma questão apontada pelos dados do Data Folha (G1, 2020) merece reflexão: a média de idade desses sujeitos. Os dados coletados apontam que, para além da divisão do grupo em atuarem ou não, nas interações online, os perfis desses religiosos são jovens visto que do total de entrevistados, 19% possuem idade entre 16 e 24 anos, 21% estão entre 25 e 34 anos e 22% estão entre 35 e 44 anos. Considerando esses três primeiros grupos, devido à possibilidade deles demonstrarem menos resistência a estarem concentrados nas redes sociais, quais reflexões podemos fazer?

Estamos falando de uma população relativamente jovem, se considerarmos os dois primeiros grupos que vai de 16 a 34 anos, teremos 40% da amostra nessa realidade, seguido de 22% de pessoas entre 35 e 44 anos, estamos falando de uma população ainda muito ativa socialmente e possivelmente preocupada com a inserção no contexto virtual.

Ao fazermos as pesquisas nas redes sociais, observamos ao realizar enquetes sobre igreja e tecnologia, que aqueles que de fato se fazem presente nos cultos on-lines correspondem à média de idade apontada nas pesquisas. Os mesmos, ao serem

⁷ De acordo com SANTOS (2017), apesar da diversidade de denominações e divisões teológicas, existe uma unidade protestante, que está na orientação através do evangelho, motivo pelo qual adotamos o termo ‘evangélico’ para nominar nossos sujeitos de pesquisa.

questionados sobre os cultos online, mostraram satisfação quanto à realização deste mecanismo e quando levantada a questão da totalidade de cultos online ao fim do isolamento social, um deles votou que era a favor e disse: “Se necessitamos de um templo para estarmos conectados com Deus, talvez exista algo errado na nossa relação com ele” (REBECA, 19 anos)⁸.

Observa-se que há uma satisfação por parte da fiel, que se mostra ativa com o tipo de culto ‘doméstico’, levando em consideração que ela respondeu ‘sim’ quando questionada sobre estar gostando dos cultos transmitidos no site do *Instagram*. “Jesus não pregava apenas nas sinagogas” (JÚLIA, 21 anos).

A fala desta outra jovem evangélica, respalda a ampliação do conceito de culto em que o cristão deve compreender que a fé pode extrapolar os muros da igreja.

Foi possível observar também que 66% dos que responderam as questões lançadas pela pesquisadora através do *Instagram* afirmaram que a comunidade estava aberta mesmo com a pandemia, e, como os casos confirmados e mortes provocadas pela Covid-19 só aumentaram, os fiéis estão sendo adeptos ao culto nas redes. Os dados coletados no *Instagram* revelaram ainda que 88% dos participantes afirmam estarem acompanhando com frequência as atualizações da sua igreja local através das redes sociais, ou seja, por parte desses fiéis os cultos online não seriam problema.

Quando feito o levantamento das denominações que vem utilizando o *Facebook* e/ou *Instagram* para a realização de *lives*, observa-se que os pastores adeptos a interação nas redes já estão promovendo seus cultos e mantêm uma programação semanal como em suas igrejas presenciais, vejamos:

Quadro 1 – Programação de culto de igrejas evangélicas em cultos online

Denominação	Redes	Dias de culto
Igreja A Voz Do Pastor	Facebook: @avoz.dopastor Instagram: @avoz.dopastor	Terça-feira: 20:00h Quarta-feira: 19:30h Sexta-feira: 20:00h Domingo: 09:00 e 18:30h
Igreja Batista Adonai	Facebook: @ibadonaicaj11 Instagram: @ibadonai_caj11	Quarta-feira: 19:00h Domingo: 8:00 e 18:00h
Igreja Batista Boas Novas	Facebook: @BBoasnovas Instagram: @igrejaboasnovas	Domingo: 10:30 e 18:30h Quarta-feira: 20:00h
Igreja Batista Deus Sem Limites	Facebook: @pastordisney Instagram: @deussem limites	Terça-feira: 19:30h Sexta-feira: 19:30h Domingo: 17:30h
Igreja Batista Lagoinha	Facebook: @GCLagoinhaSalvador Instagram: @lagoinhasalvador	Quinta-feira: 20:00h Sábado: 19:00h Domingo: 18:00h
Igreja Maam Brasil	Facebook: @maambr Instagram: @maambrasil	Quarta-feira: 19:30h Domingo: 10:00h
Igreja Sobrenatural	Facebook: @grejasupernatural Instagram: @igrejasobrenatural	Sábado: 19:00h Domingo: 10:00 e 18:00h

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Ao analisarmos o Quadro 1, observamos que, ainda que de forma tímida, considerando o grande número de denominações evangélicas presentes no Brasil, as ‘lives da fé’ já são uma realidade. Mas, apesar de um grupo relativamente pequeno, considerando o crescente percentual de evangélicos no Brasil, é interessante refletirmos que apesar dos conflitos do campo ideológico doutrinário que contribui para o ascetismo dos evangélicos, há um movimento crescente em busca das redes sociais e dos aplicativos como novas opções para realização dos cultos. Vale ressaltar que não consideramos em nosso levantamento, os variados vídeos produzidos e publicados antes disso. Nossa intenção é compreender o olhar e possível interação de forma remota no momento de isolamento social.

Nessa perspectiva, ao observar o Quadro 1 e analisando as interações no *Instagram* verificou-se que as denominações Batistas se mostram mais abertas a essa possibilidade. Outro fato que chama atenção, é que as igrejas que mantêm uma

⁸ A pesquisa foi realizada nas redes sociais, desde o início da pandemia, e como forma de preservar a imagem dos sujeitos, utilizamos nomes fictícios.

programação de cultos, se preocuparam em manterem-se conectadas tanto no *Facebook* quanto no *Instagram* demonstrando buscarem o atendimento de um número maior de fiéis.

Ao nos debruçarmos na discussão, sobretudo, considerando a relação de pecado e medo dos religiosos evangélicos, verificamos que há uma preocupação das igrejas que atuam no *Instagram* em estabelecer uma programação que nem todos têm acesso, pois para isso, precisa estar inscrito ou participar do grupo a quem se destina, e muitas vezes, se faz necessário informar sua identidade religiosa. Dessa forma, percebe-se que há uma abertura ainda que de forma tímida a utilização das TIC nos espaços de fé, mas, a preocupação em separar os fiéis das ‘possíveis contaminações’ com a realidade do mundo ainda está presente, pois é preciso considerar que “[...] um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos” (CASTELLS, 2009, p. 40).

Nesse contexto, a empresa *Inchurch*⁹ vem oferecendo às igrejas sites e/ou aplicativos, voltados aos fins específicos dessas instituições, atendendo a diversidade presente entre os fiéis evangélicos, considerando a sua visão ascética em relação ao mundo. Para dar conta dessa realidade, a empresa oferece uma rede de apoio às igrejas no ambiente virtual, que vai desde a gestão e sistematização dos recursos, produção de eventos e distribuição de mensagens até a oferta de cultos, estabelecendo uma maior segurança na rede de interação entre os fiéis.

Ao discutir a sociedade em redes, Castells (2009, p. 41) aponta que:

[...] as redes globais de intercâmbios instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em um fluxo contínuo de decisões estratégicas. Segue-se uma divisão fundamental entre o instrumentalismo universal abstrato e as identidades particularistas historicamente enraizadas. Nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o ser.

Qual seria o objetivo então dessa nova realidade das redes virtuais para o público religioso? A proposta visa atender uma realidade virtual que possibilite a divisão do território das redes, construindo fronteiras que, logicamente, serão discutidas nos cultos de forma a orientar o acesso dos fiéis, evitando ao máximo a exposição e “contaminação” com o comportamento do mundo? É preciso que reflitamos como essas estruturas, cada vez mais diversificadas, vêm contribuindo para uma separação entre a “Rede que representa o mundo” e o Ser evangélico que responde a sua doutrina.

5 Considerações Finais

O que observamos é que ante a grande comunidade evangélica no nosso país, em uma situação de isolamento social, as TIC devem ser uma aliada aos cultos religiosos. Não dá mais para a igreja ficar dentro da sua bolha diante das realidades relatadas e se tornar distante do mundo, vendo as possibilidades como inimigas já que ‘a luta não é contra carne nem contra sangue’, mas, na condição de serviço essencial à sociedade. Considerando o conforto psicológico através da fé, as igrejas precisam cumprir a Palavra, já que Jesus disse: *Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura*. Vale ressaltar que, considerando a Bíblia como um livro histórico, naquele momento, não haveria possibilidade de se determinar qual e/ou quais as formas dessa pregação se presencial ou virtual. Assim, sendo, compreendemos que no momento em que a igreja se permitir atuar livremente no espaço virtual, a diversidade em seus amplos conceitos emerge fazendo com que a missão dos fiéis na terra seja cumprida, seja ela para propagar a mensagem do evangelho aos quatro cantos da terra, ou servindo de acolhimento para os fiéis nesse momento de isolamento.

Observamos ainda que, apesar de todo o material divulgado nas redes sociais, os grupos de *Facebook* e *Instagram* organizados por denominações evangélicas demarcam suas identidades, quando criam estratégias de participação nas atividades divulgadas nas redes sociais. Dessa forma, a partir das análises aqui apresentadas, apesar do grande percentual de evangélico tomando como base os dados do Censo 2010 e o Data Folha com dados de 2019, e diante da realidade de

⁹ INCHURCH. Produção de aplicativos para igrejas. Disponível em:

https://inchurch.com.br/?utm_source=googleads&utm_medium=cpc&utm_campaign=igrejaonline&qclid=CjwKCAjwqtqj2BRBYEiwAqfzur_5xr2dco2K6J1ms5oYy10q9IPFS20qVaYwiE33h5tpku7bh4wZR-RoCdxcQAvD_BwE. Acesso em: 26 maio 2020.

isolamento social a que estamos condicionados devido a pandemia da Covid-19, a atuação dos pastores nas 'lives de fé' ainda é muito tímida.

Enfim, a pesquisa apontou que apesar do grande percentual de brasileiros que se afirmam fiéis evangélicos, a oferta de cultos e interação nas redes ainda é muito pequena, o que demonstra certa resistência das lideranças em relação a adoção desses espaços, ainda que, para os fiéis essa seja uma possibilidade.

Referências

- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 23 jun. 2020.
- BRASIL. Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020. Regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais. **Diário Oficial da União**: edição extra G, Brasília, DF, p. 1, 20 mar. 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2020/decreto/d10282.htm. Acesso em: 23 jun. 2020.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia**: versão [da] Bíblia King James. Niterói: BV Films Editora, 2018.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- CHAUÍ, Marilena. **Fundamentalismo religioso**: a questão do poder teológico-político. Buenos Aires: CLACSO, 2006.
- G1. 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. **Portal G1**, [Rio de Janeiro], 13 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo**: a culpabilização no ocidente (séculos 13-18). Bauru: EDUSC, 2003.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 23 jun. 2020
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- LOPES, Augusto Nicodemus. Os desigrejados. **Tempora! Mores!**, 5 abr. 2010. Disponível em: <http://tempora-mores.blogspot.com/2010/04/os-desigrejados.html>. Acesso em: 27 maio 2020.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2012.
- PACE, Enzo. Religião e globalização. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org.). **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 25-39.
- RODRIGUES NETO, Febronio. Por que para alguns é tão difícil viver a vida cristã? Chapecó, Minas Gerais, 2016. 1 vídeo (1h27min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iGWa-wsMxRg&t=2704s>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- SANTOS, Deyse Luciano de Jesus. **A palavra e a escola**: negociação e conflito no trabalho com a Lei 10.639/03. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2012.
- SANTOS, Deyse Luciano de Jesus. **Identidades religiosas: subjetividades em conflito na formação de professores**. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.
- TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. 5. ed. São Bernardo do Campo: Aste, 2015.
- WEBER, Max. **Sociologia das religiões**. São Paulo: Ícone, 2010.

Artigo submetido em: 20/06/2020.
Aceito em: 30/06/2020.

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia

PPGB

Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia](#) da [Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade quadrimestral.